

## **PLATÃO: NOMEAR É UMA AÇÃO**

*Sebastião Elias Milani<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Nomear é uma ação. Toda ação requer instrumentos adequados para ser executada. A fala segue rigorosamente a natureza de fazer a fala, porque tudo tem sua forma natural de ser. Falar requer instrumentos, porque falar é uma ação. Os instrumentos da fala são os nomes, produzidos por quem de fato sabe como, por meio dos recursos naturais. Os nomes mudam, porque sempre se pode acrescentar ou tirar letras de sua forma. Assim foi que os nomes dos deuses são ditos de maneiras diferentes em lugares diferentes. Mas, todos os nomes são acordos ou convenções entre os falantes, em cada grupo os nomes variam de acordo com o que estiver convencionado. Portanto, os nomes variam de povo para povo, mas são sempre nomes certos, porque seguem a tradição natural de se nomear para aquele povo.

**Palavras-chave:** Nomeação. Convenção. Linguagem. Natureza.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo trata do conteúdo debatido no texto *Crátilo*, um dos Diálogos de Platão, que, junto com o *Teeteto*, forma o pensamento de Platão sobre a linguagem e sua relação com o pensamento e o conhecimento. Então, reforçando a proposição acima, Platão discutiu a linguagem manifestada ou reconhecida nas sensações e sua forma natural, que é aquela feita de letras (sons articulados). Nenhuma língua escapa dos limites da natureza, ou seja, tudo aquilo que está produzido no mundo, segue rigorosamente os elementos previstos pelas condições naturais de existência.

A natureza previu um modo de produzir nomes, assim, nomes bem formados estão de acordo com as regras e sons articulados previstos. As coisas são de essência permanente, logo, o que varia de um lugar a outro são as condições de

manifestação em discurso daquela essência. Por isso, os nomes, não importam quais, quando estabelecidos numa comunidade por meio de convenção e acordo, são sempre certos, ou seja, todos os nomes pelos quais uma coisa é designada por todos, são certos, porque representam o modo de pensar aquela essência naquele grupo. É inevitável pensar na produtividade desses textos da antiguidade clássica durante os dois mil e trezentos anos que já seguem até a pós-modernidade. A cada século novas visões e muitas novas revisões desses conceitos podem ser encontradas.

### **FALAR É UMA AÇÃO**

Nesse diálogo de Platão, Hermógenes, depois de um debate sobre os nomes das coisas com Crátilo, pergunta a Sócrates sobre a verdade do que afirmara Crátilo: (p.119) “que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhe”. Em primeiro lugar, é notória na citação a definição de que a convenção é feita entre alguns homens. Posteriormente, em Aristóteles e muito frequentemente na Gramática Comparada e na Linguística, retoma-se o conceito de convenção e diz-se que ela é feita entre dois indivíduos pelo menos, de fato diz-se entre um *eu* e um *tu*. Em segundo, que se trata de nomeação, neste caso não está se discutindo tipos de nomes, mas nome para coisas. No *Crátilo* há pouquíssimo debate sobre as substâncias de que são compostos os nomes ou mesmo sobre o tipo de forma que eles podem assumir, mas está claro que existe o nome e o significado dele, bem como a coisa referenciada e que os nomes são feitos de letras.

Terceiro, cada coisa tem um nome apropriado por natureza, então eles são essencialmente suggestionados pelos usos dos referentes ou pelo modo como são empregados. Por isso somente aqueles falantes que estão preparados, são capazes de dar nomes adequados às coisas, ou seja, isso significa ter conhecimento das regras de construção dos nomes. Deve-se registrar a presença de um *não* na fala de Crátilo, repetida com desconfiança por Hermógenes a Sócrates, que significa exatamente aquilo que ambos, Hermógenes e Sócrates, discordam e vão debater e provar. Logo, o que está em acordo com o que será defendido no texto pelos dois, será que os nomes são convenções. Hermógenes

discorda de Crátilo e afirma (p. 120 *passim*) “A justeza dos nomes não se baseia em outra coisa que convenção e acordo” [...] “seja qual o nome que se dê a uma determinada coisa, esse é o seu nome certo. E mais, se substituirmos esse nome por outro, vindo a cair em desuso o primitivo, o novo nome não é menos certo do que o primeiro” [...] “nenhum nome é dado por natureza a qualquer coisa, mas pela lei e o costume dos que se habituaram a chamá-la dessa maneira”.

Essas três falas de Hermógenes colocam os contrapontos da ciência da linguagem para todos os estudiosos desde Platão. No século XX, Saussure (1916) disse que eram convenções sociais feitas pelos indivíduos dessa sociedade entre uma unidade significante e um significado. Não existe no *Curso de Linguística Geral* uma discussão sobre os nomes em específico, nem como noção geral de todos tipos de palavras, mas sobre unidades presentes no discurso, então nomeadas de signos. Saussure disse que o signo é arbitrário absoluto ou arbitrário relativo, sendo esses conceitos relativos à situação de emprego na fala. Arbitrariedade em Saussure pode ser relativizada à ideia de convenção e acordo de Platão. A união do significante e do significado é de natureza arbitrária, porque nunca um significante traz em sua estrutura marcas que retomem o significado, isso nem mesmo nas onomatopéias. Também é arbitrária a relação do signo com o referente, a coisa, nos termos de Platão. Logo, a existência do signo sempre é de natureza arbitrária, porém seu uso na fala sempre é de arbitrariedade relativa. Hermógenes não está de forma alguma se referindo ao uso, mas somente ao processo de dar nomes, portanto, convenção e acordo de Hermógenes é, nos termos de Saussure, arbitrariedade absoluta.

Ao se tomar a afirmação de que todos os nomes são certos, retoma-se ao mesmo tempo a ideia de arbitrariedade, os nomes são certos porque na sociedade em questão aquele nome é empregado para determinar a coisa ou o ser, uma vez estabelecido e reconhecido por alguns, será sempre repetido e será sempre certo. A questão é que uma mesma coisa pode ter muitos nomes numa mesma sociedade, e todos serem certos, a depender das circunstâncias em que se esteja usando, mais especificamente em relação ao contexto pragmático. Assim sendo, um senhor brasileiro pode ter uma esposa, uma mulher, uma namorada, uma amante, uma patroa, um bem, um amor, etc., a depender se estiver falando com uma autoridade, ou um amigo, ou um colega de bar, etc., sempre se tratando da mesma pessoa do sexo feminino com quem tem relações

sociais e passionais. Enfim, todos os nomes do mesmo referente ou coisa serão sempre certos para indicá-lo.

Uma questão muito importante a respeito de formação de palavras aparece no *Crátilo*, na terceira citação, quando Hermógenes lembra que os nomes são feitos de acordo com a lei, implica em pensar que deve se tratar das regras de formação da língua. A realidade do povo Grego é obviamente distante daquela do século XXI, mas é claro que a diferença está na consideração do formalismo, quando eles dizem que somente o fazedor de nomes está capacitado para fazer nomes. Talvez, na realidade da atualidade seja a pergunta que se faz ao professor de língua nativa quando se quer saber a forma da norma padrão para uma palavra ou regra. O século XIX, e se pode citar Friedrich Schleicher em *As línguas da Europa moderna* (1857), finalmente teria demonstrado as regras morfossintáticas da formação de palavras. Hermógenes afasta qualquer sugestionalidade para a produção dos nomes, mas diz em outro ponto do mesmo texto que o fazedor de nomes deve estudar o uso que fazem do objeto aqueles a quem ele serve, para lhe dar o nome certo. Humboldt (1835), e também Bopp (1816), falam em sugestionalidade nas palavras e até do uso que se faz de certos fonemas. Certo é que se alguém, que é sem cabelo em uma parte de sua cabeça, onde deveria ter cabelo, é chamado de careca ou cabeleira, obviamente ocorreu um processo de nomeação por sugestão do referente. Mas, conforme Saussure (1916), o falante não precisa da relação diacrônica para usar uma forma da língua, somente da convenção e acordo, logo, o careca pode fazer implante de cabelo e continuar a ser chamado de careca, ou ser chamado de careca sem nenhuma razão aparente, como é fato em jogadores de futebol no Brasil.

Sócrates explica que (p. 122) “o nome por que todos designam um objeto é o nome desse objeto”, ou seja, quem decide qual nome qualquer coisa deve ter, são as pessoas que enunciam naquela língua a referencialidade à coisa. Então se alguém chama algo por um nome que não é aquele empregado por todos ou regularmente empregado no uso geral, outro certamente dirá que não é aquilo, que aquele algo é tal coisa, dizendo o nome usado por todos. Assim sendo, Platão ensinou que “é possível dizer por meio da palavra o que é e o que não é” (p. 121). Sócrates e Hermógenes chegam a conclusão que quantos nomes alguém disser que tem determinado objeto, tantos ele terá e por todo o tempo que o disserem. Essa ideia está mais bem explicada em Humboldt (1835): sempre que

alguém propuser um nome ou uma palavra para designar algo ou alguém é porque no pensamento dessa pessoa esse nome corresponde ao conceito vinculado, a mudança de nomes ocorrerá então no pensamento e quando manifestada em enunciado já corresponde a uma mudança na língua. Como dissera Sócrates a Hermógenes (p. 121) “o nome é enunciado”, “a menor parte”. Isso é porque corresponde externamente ao processo inteiro do fazer linguístico, mas de fato é somente a materialidade do discurso.

Sócrates apresenta à ideia que também é discutida com Teeteto das coisas serem exatamente como parecem ser a cada um. Ele retoma o assunto e também a proposição de Protágoras, de que os seres humanos são a medida de todas as coisas. Para ele haveria nesse caso de se desconfiar da verdade disso, já que, em sendo assim, cada um teria uma verdade diferente, logo alguém acabaria sendo o dono da verdade. Nas palavras de Sócrates (p. 123) “ninguém poderia ser mais judicioso do que outro”. Superada essa questão, deve-se então pensar em seu oposto (*loc. cit.*) “todas as coisas são semelhantes simultaneamente e sempre para todo o mundo”, mas isso também é impossível, já que se assim o fosse, somente existiria uma maneira de se referir as coisas no mundo inteiro. Sócrates chega a conclusão que, em sendo as coisas de essência permanente, mudam de um ser humano para outro, mas mantém os traços essenciais de sua composição, que é o que permiti seu reconhecimento por todos; então, as coisas (p. 123) “existem por si mesmas, de acordo com sua essência natural”.

Tudo que existe no mundo tem o mesmo status: coisas, objetos e ações, conforme discutido acima. Sócrates afirma que as ações também se realizam segundo sua própria natureza, por isso, para cada ação a ser feita tem-se um modo correto de fazê-la: para queimar deve-se agir de acordo com a natureza, para cortar também, ou então o indivíduo falharia em sua empreitada. Logo, para falar também se precisa do modo certo para fazê-lo, porque falar também é um tipo de ação. Tal e qual disse Sócrates, nomear as coisas é parte do ato de falar, então, nomear é uma ação. A pergunta a ser feita na atualidade é qual seria o modo certo de falar ou dar nomes. Se isso somente é possível seguindo as regras e de acordo com a natureza, devem existir regras em conformidade com a natureza que, juntas, geram o modo natural de falar. Então, para falar, alguém deve seguir a natureza de seu organismo em conformidade com as regras criadas, logo falar é natural ao ser humano, é porque a natureza lhe proporcionou

as condições que ele fala.

Portanto, a articulação de sons e a proposição de regras estão previamente estabelecidas pela natureza, não há como fugir do que está criado para ser o que é. Então a língua é como foi criada, do modo natural de ser criada, nenhuma língua escapa dos limites da natureza. Pode-se brincar e dizer que se os sons articulados são matéria física, e o modo natural de se falar é usando matéria física, que somente pode proceder de um corpo físico, e também que a fala de um ser metafísico é impossível. Mas, seguindo as regras da natureza, é possível criar, assim nomear é um ato criativo, em sendo criativo é individual. Toda criação parte de uma estrutura pronta da natureza, em que tudo está conformado com aquilo que já existe e pode ser reelaborado. A língua está de acordo com a natureza e se coloca como a estrutura já pronta, o material instrumental com o qual se poderá falar: ação individual de colocar a língua em movimento. Falar é uma ação e, conforme Sócrates, cada ação tem sua própria natureza. Na fala de um indivíduo, que deve seguir a natureza da língua e a natureza da fala, somente sua criatividade é individualidade, ou seja, uma parte ínfima e, na maioria das vezes, insignificante do ato de fala.

Quando um indivíduo se depara com algo novo, não pode reconhecer tal objeto porque não consegue ter qualquer noção ou conhecimento, assim a pergunta primeira que se faz é: o que é isso? E a resposta primeira é o nome desse objeto. O nome diz o que é e o que não é, porque, caso o nome seja relativo a um outro objeto já conhecido, será imediatamente identificado, caso seja um nome também desconhecido, deverá ser estabelecida uma ideia de uso ou de manejo, etc., e o nome passa a representar tal ideia. Do modo como está exposto no *Crátilo* e também no *Teeteto*, o nome é o instrumento que separa cada coisa das outras, ele é que faz a diferenciação entre os objetos e ideias do mundo e da língua. Segundo Platão, nas palavras de Sócrates, (p. 126) “o nome é instrumento para informar a respeito das coisas e para separá-las”. Como instrumento serve para fazer coisas, já se discutiu acima que falar é uma ação, toda ação precisa de instrumento, a língua é, portanto um instrumento, e os nomes em uma língua também o são. O nome de uma coisa informa a respeito dessa coisa, porque muitas vezes os nomes são explicações das funções do objeto, ou são o próprio objeto quando a ideia for abstrata. Muito importante, os nomes separam as coisas, o ser humano somente reconhece diferenças, por isso

que saber os nomes das coisas se torna tão importante para conviver em sociedade, somente pelo nome se consegue dizer o que é e o que não é.

Para fazer nomes é necessário conhecer as regras. Para fazer bem os nomes é preciso ser um legislador. Segundo Sócrates, de todos os artistas o mais raro. É claro que todos os falantes de uma língua são capazes de inventar nomes, mas Sócrates associa o fazedor de nomes que, provavelmente, era relativo somente ao grego antigo, ao poeta. Isso pode ser percebido porque a arte em língua é o discurso poético. Isto é, quando um indivíduo com capacidade especial no manejo das regras da língua faz nascer significação nunca produzida tão perfeita. Tal legislador (p. 128) “deverá saber formar com os sons e as sílabas o nome por natureza apropriado para cada objeto”. Ademais dessa noção de legislador, bastante complicada para explicar nas línguas modernas, se o nome que alguém, intelectualizado ou não, produzir, não estiver adequado com o apreço que tal coisa ou ideia tem naquela sociedade, com certeza será rejeitado e outro aparecerá no lugar. Exemplos disso são os nomes próprios em língua estrangeira, na impossibilidade de realizar os sons e as sílabas tal e qual na língua de origem, os nativos da língua que emprestou, fazem adaptações ou simplesmente substituem por outro nome ou apelido mais comum.

O que fica claro na noção de legislador de nomes é a necessidade de instrução para saber fazer bem feito os nomes com os sons e as sílabas. Logo o legislador de nomes que tiver plena consciência de sua tarefa e da importância de fazer bem feito o nome de algo, saberia dar o nome certo para a coisa, segundo o que deriva de sua natureza, então, o nome certo por natureza exprimiria a ideia fundamental relativa a essa coisa. Os nomes certos por natureza serão produzidos com os sons e as sílabas relativos a região em que se encontra, por isso, nenhum nome pode ser considerado inferior (p. 128) “uma vez que ele reproduz a ideia do nome, a propriedade para cada coisa”. Por isso, nenhuma língua é inferior, desde que seja relativa a natureza a que faz referência. Sócrates exemplifica sua teoria, (p. 134) “se um cavalo desse nascimento ao produto natural do touro, este não deveria ser chamado pelo nome do pai, mas conforme o gênero a que pertencesse”. A ideia parece ser a da barriga de aluguel: o nome da criança, ou dos pais dessa criança, é daqueles que forneceram o material genético, logo, “se um cavalo (égua) desse cria a um filho de touro, esse filho seria um bezerro, de genes e de nome”.

## CONCLUSÃO

As coisas têm os nomes que lhes são dados por alguma razão pelos que se utilizam delas. As pessoas têm o nome que as pessoas com quem elas se relacionam, por alguma razão, as chamam. Os nomes que as pessoas utilizam para se referir a algo ou a alguém devem estar acordados entre todos os participantes do universo discursivo em questão. Muitas vezes, os nomes são atribuídos fora do contexto em que devem ser utilizados, daí a ideia de que eles devem estar relativizado à natureza dos sons e das sílabas e do ser em questão. Assim, respeitadas essas regras, os nomes serão usados entre os falantes porque será o único modo de diferenciar aquele algo ou alguém do resto dos seres do mundo, como um acordo, ao qual todos aderem voluntariamente, porque funciona como decidido por uma convenção. Não houve nunca discordância desse ponto discutido no *Crátilo*: em todos os estudiosos da História dos estudos da linguagem, os nomes, ou as palavras, ou os signos, são convenções sociais que todos os falantes de uma língua empregam voluntariamente, por alguma razão.

## PLATO: NAMING IS AN ACTION

### ABSTRACT

Naming is an action. Every action requires the right instruments for being carry out. The speech follows strictly the nature of making speech, because everything has its natural form of being. Speaking requires instruments, because speaking is an action. The instruments of the speech are the names, produced by those who really know how, by natural resources. The names change, because people can always add or remove letters of its form. This way, the god's names have different forms in different places. But, all names are conventions among the speakers, in each group the names vary according to what were agreed in that group. So, the names vary from people to people, but they are always right names, because they follow the natural tradition of naming in that group.

**Keywords:** Nomination. Convention. Language. Nature.

### Notas

- <sup>1</sup> Possui graduação em Letras - Português e Francês pela Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis (1989), graduação em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Econômicas de Presidente Prudente (1985), mestrado em Lingüística pela Universidade de São Paulo (1994), subárea Historiografia Lingüística, e doutorado em Semiótica e Lingüística geral, subárea Historiografia Lingüística, pela Universidade de São Paulo (2000).

### REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Organon: Catégories e de l'interprétation*. Paris: J. Vrin, 1946.
- ARNAULD ; LANCELOT. *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística Geral I e II*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas-SP: Pontes, 1995.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: EDUNESP, 1991.
- CONDILLAC. É. Bonnot de. *Textos escolhidos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Traité des sensations*. Paris: Fayard, 1754.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro/ São Paulo: Presença/EDUSP, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Sincronia, Diacronia e História*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1982.
- DARNTON, Robert. *Boemia literária e Revolução*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- FALCÃO, Francisco. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1994. Série Princípios.

GREIMAS, A. J.; COUTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

HJELMSLEV, Louis T. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 2003.

\_\_\_\_\_. *Essais linguistiques*. Paris: Minuit, 1968.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas - Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular*. Barcelona, Anagrama, 1972.

\_\_\_\_\_. *Sobre la diversidad de la estrutura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona, Anthropos, 1990.

KANT, Immanuel. *Critique de la raizon pure*. Paris: Flammarion, 1976.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento*. São Paulo: Abril cultural. Coleção os Pensadores.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática*. São Paulo: UNESP, 2002.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997.

PLATÃO. *Diálogos: Teeteto – Crátilo*. Belém: UFPA, 1973.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1995.

SCHLEICHER, Friedrich. *Les langues de l'Europe moderne*. Paris: Garnier, 1852.